Capítulo VI — Segunda época

Acabamos de ver qual foi o sistema de instrução literária seguido pelos cristãos durante a primeira época, isto é, durante os cinco primeiros séculos da Igreja. Vamos estudá-lo na segunda época, que compreende toda a duração da Idade Média.

Interrogando com cuidado os monumentos que nos restam, achamos o mesmo método, com a diferença de que os autores pagãos são ainda menos lidos, e até desaparecem inteiramente do número dos clássicos. Com efeito, a razão de estudá-los já não tem, nem de longe, o mesmo valor.

O paganismo greco-romano está vencido, vencido nos seus tiranos e nos seus filósofos, vencido nas ideias e nos fatos. O motivo cristão de ler os seus autores desapareceu: o pretexto mundano de estudá-los ainda não foi inventado. Senhora do campo de batalha, a Igreja pode doravante cumprir em toda a sua plenitude a grande missão que lhe foi dada de renovar a face da terra. Em torno dela comprimem-se os robustos filhos do Norte, vencedores semisselvagens do velho mundo. Esse duro granito, é preciso talhá-lo e poli-lo; esses altivos sicambros, é preciso amansá-los e civilizá-los: tal é o seu único cuidado, tal será a sua glória.

Ora, ela sabe que a civilização não é senão o cristianismo aplicado às sociedades; sabe que essa aplicação, para ser real e durável, deve atingir primeiro a infância; sabe que a infância é atingida, ou antes, formada, irrevogavelmente formada, pela educação; sabe que a educação depende do molde em que se lançam as gerações, que são pagãs ou cristãs conforme o próprio molde seja pagão ou cristão; sabe, enfim, que o rude elemento que lhe cabe modelar só pode sê-lo pela ação exclusiva, isto é, forte e constante, do cristianismo.

O pensamento dominante desses grandes séculos encontra-se inteiro nas notáveis palavras de um santo que exerceu alta influência sobre a marcha dos espíritos: diríamos uma nova promulgação das constituições apostólicas. Na *Vida de santo Elói*, seu colega no episcopado, santo Ouen, bispo de Rouen, exprime-se assim:

> *Que proveito tiramos, pergunto-vos, da leitura dos diversos gramáticos, que parecem antes derrubar que edificar? De que nos servem, em filosofia, Pitágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles? Que utilidade têm para os leitores os tristes cantos dos poetas criminosos, como Homero, Virgílio e Menandro? Para que podem servir à família cristã esses fazedores de histórias pagãs, Salústio, Heródoto e Lívio? Que arte oratória de Lísias, de Graco, de Demóstenes e de*

> *Túlio pode comparar-se às puras e belas doutrinas de Cristo? Que utilidade nos trará a habilidade de Flaco, de Solino, de Varrão, de Demócrito, de Plauto, de Cícero e outros, que julgo inútil enumerar aqui?*

(*Vit. B. Elig.*, Prol., perto do fim.) Durante essa segunda época, todos os clássicos são cristãos. Pensa-se tão pouco em negar esse fato importante que ele serviu de eterno texto às inumeráveis censuras formuladas há três séculos contra os nossos antepassados. Esse texto será examinado mais tarde: prossigo.

A língua latina permaneceu, ao menos durante uma parte da Idade Média, a língua vulgar dos antigos habitantes da Europa;[1] no século IX, o próprio grego parece ter sido ainda geralmente conhecido.[2] Graças a essa circunstância feliz, a infância pôde ser guardada muito mais tempo do que em nossos dias à sombra do teto paterno. Ali, como nos primeiros séculos, era fortemente nutrida com a leitura dos livros sagrados, das Atas dos mártires, das obras dos Padres, das lendas dos santos, das narrativas ora tão ingênuas, ora tão perfeitamente épicas das grandes ações dos cavaleiros, dos cruzados, dos peregrinos, dos ilustres fundadores de todas as ordens religiosas, cujo nome era tão popular quanto as suas obras são sublimes. É o que resulta de todos os monumentos contemporâneos; é o que prova o cunho religioso tão profundamente impresso na linguagem, e até nos mais simples usos dos habitantes dos campos e das cidades.

Não era só no lar doméstico que a criança lia esses admiráveis clássicos. Encontrava-os escritos em caracteres cintilantes nos vitrais de todas as igrejas e nas pinturas que lhes cobriam as paredes. Como naquele tempo todos iam à igreja e iam com frequência, essa leitura era verdadeiramente a leitura clássica e popular. Daí o uso consagrado ainda hoje em grande número de famílias de ensinar as crianças a ler na Bíblia ilustrada. Daí ainda esse outro uso, não menos religiosamente conservado em certas partes da França e da Europa, de ler, cada noite pelo menos durante o inverno, as Atas dos Mártires e a Vida dos Santos, em presença da família reunida.

Ao deixar a família, a juventude destinada à clerezia entrava nas escolas públicas. Sabe-se, com efeito, que nessa época pretensamente bárbara o solo da Europa, a França, a Espanha, a Inglaterra, a Irlanda, a Itália, estava coberto de escolas estabelecidas ora nas casas paroquiais do campo, ora nos mosteiros, ora nas catedrais, ora nas casas episcopais.[3] Ali se reuniam, muitas vezes em idade ainda tenra, os filhos das diferentes classes da sociedade; todos recebiam uma educação comum, qualquer que fosse a diferença das carreiras que pretendiam abraçar. Quereis conhecer os livros que lhes punham nas mãos? Lede as belas cartas de são Jerônimo a Leta e a Eustóquia: eram o diretório dos estudos, e vereis com que admirável fidelidade a Idade Média conservava as regras pedagógicas dos primeiros séculos da Igreja.

Começava-se, ou antes, continuava-se a educação começada no lar doméstico pela literatura eclesiástica, isto é, por tudo o que diz respeito à religião, à sua história, às suas glórias, à sua doutrina. Os principais clássicos eram as Atas dos mártires, ou, como então se dizia, o livro das paixões, *liber passionum*; livro mais capaz que qualquer outro de desenvolver com energia, na alma das crianças, todos os nobres sentimentos de fé, de desapego, de generosidade, de coragem que fazem os grandes caracteres e os grandes povos. Daí que esse livro de ouro se obtivesse a

grande custo e se colocasse à frente das mais ricas bibliotecas. Esse testemunho de respeito era uma conformidade a mais com o uso dos primeiros cristãos, que não recuavam diante de nenhuma despesa, de nenhum perigo para obter as Atas dos mártires, de que faziam a sua leitura assídua.

Uma das glórias da Grã-Bretanha, Acca, sucessor do ilustre Wilfrido, arcebispo de Cantuária, tornou-se célebre pela magnífica biblioteca que reuniu. Sabeis qual é o primeiro livro mencionado pelo seu imortal historiador? As Atas dos mártires.[4]

Ao livro das paixões juntava-se a Sagrada Escritura e sobretudo os Salmos, que geralmente se fazia aprender de cor, como se faz entre nós com as fábulas de Fedro ou a *Arte poética* de Horácio. A história pormenorizada de certas educações não deixa dúvida sobre a universalidade do sistema. Limitemo-nos a alguns exemplos, tomados ao acaso entre os diferentes povos da Europa. São Bonifácio, escrevendo a vida e o martírio de são Livino, conta assim a maneira como foi educado desde os primeiros anos:

> *Esta criança, diz ele, dotada de excelentes disposições, escolheu a vida contemplativa e viveu com são Benigno, sacerdote escocês, homem de nascimento distinto. Procurando ser instruído por esse sacerdote na melodia dos Salmos, na doce leitura dos santos Evangelhos e em outros divinos exercícios, a sua tenra idade decorreu segundo os seus votos, de sorte que, como se estivesse num imenso jardim de beleza toda celeste, avançava de dia para dia, passando por todos os degraus da virtude. A sutileza da sua inteligência desenvolveu-se de modo admirável e, com a cooperação da graça, não encontrava nenhuma dificuldade no estudo de tantas coisas divinas, nem na prática dos exemplos dos justos.*[5]

Conta-se de são Patrício que, tendo a mãe do jovem Lananus levado a ele o filho para que o instruísse nas letras, o santo homem o confiou ao bem-aventurado Cassano, e a criança aprendeu em pouco tempo todo o Saltério e tornou-se depois um homem de vida muito edificante.[6] Falando do jovem Leobardo, de ilustre família, são Gregório de Tours diz que, chegado o tempo, foi mandado à escola, onde aprendeu todo o Saltério de cor.[7] Conta-se o mesmo de são Nizier, bispo de Lyon, que prestou o mesmo serviço a outras crianças.[8]

No estudo dos livros sagrados, usava-se aquela sábia prudência cujas regras são Jerônimo traça ao escrever a Leta. Penetrada de respeito pela criança, a Igreja afastava dela, mesmo nos livros sagrados, tudo o que pudesse alarmar-lhe a inocência ou fatigar-lhe a imaginação; as obras dos Padres serviam ao mesmo tempo de modelos de eloquência e de comentários aos livros sagrados. Ainda aqui, a mesma marcha dos primeiros séculos da Igreja, em que a leitura das cartas dos sumos pontífices e dos bispos era o alimento dos fiéis.[9]

Os tratados das ciências e das artes eram em seguida explicados. Mas, conforme o grande princípio de ordem e de luz de que a religião é no mundo o que o sol é no firmamento, o centro em torno do qual tudo gravita, as ciências e as artes eram estudadas, não como fim, mas como meio;

como meio, não de bem-estar, mas de aperfeiçoamento espiritual e temporal e de utilidade para a religião. Assim, vemos que nas sábias escolas da Inglaterra, estabelecidas pelo ilustre Teodoro, arcebispo de Cantuária, a geometria, a astronomia, as matemáticas em geral eram de tal modo ensinadas do ponto de vista religioso que levam o nome de geometria, astronomia e matemáticas eclesiásticas. O mesmo se dava com a pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia; pois todas essas coisas foram estabelecidas para servir à glória do seu autor.[10]

Ensinavam-se também as línguas estrangeiras, seja para aproveitar os tesouros de ciência religiosa dos diferentes povos, seja para poder pregar o Evangelho ao Oriente e ao Ocidente. Eram, por esse duplo motivo, objeto de particular cuidado. Vemos, com efeito, que grande número as falava como língua materna.[11] A história consignou este fato: o rei Gontrão foi recebido em Orléans por uma multidão que cantava os seus louvores, uns em siríaco, outros em latim, e outros em hebraico.[12] O latim falava-se em Roma sobretudo, no palácio de são Gregório, com admirável perfeição.[13] Veremos mais adiante o concílio de Viena ordenar solenemente a ereção de cátedras de todas as línguas orientais nas diferentes universidades da Europa. Nada digo das ciências morais e sobretudo da filosofia; pois é evidente demais que todas eram tidas como servas da teologia. Assim as chama são Tomás, cujas obras, não menos que as dos doutores da Idade Média, são a magnífica prova dessa magnífica definição.

Eis, de resto, o programa dos estudos nesses séculos pretensamente bárbaros. Traçado por Marciano Capela, retor africano do século V, e vindo das mais altas tradições da antiguidade, esse programa permaneceu invariável durante doze séculos.[14]

> *Aos dez anos começavam os estudos em regra; dividiam-se em dois períodos de cinco anos cada um. Durante o primeiro, percorria-se o Trivium, que compreendia a Gramática, a Dialética e a Retórica: durante bastante tempo esses estudos não se achavam depreciados por serem modestamente chamados triviais. À gramática pertencia o estudo das línguas. Encontram-se às margens do Loire, em Angers, em Orléans, em Poitiers, todas as línguas sábias cultivadas, sem excetuar as orientais. A dialética precedia sabiamente a retórica, que não era então o que depois se tornou: um acessório entre a gramática e a filosofia, uma arte de dizer ideias que só mais tarde se terão.*

> *Conforme a aptidão e os progressos dos alunos, ao trivium sucedia o Quadrivium, que os iniciava nas noções mais elevadas da Aritmética, da Geometria, da Astronomia e da Música. Ora, todos esses elementos esparsos se reuniam numa poderosa e harmônica síntese. Tomaremos emprestados, para expô-la, os próprios termos dos antigos. Segundo eles, a educação do homem, como a formação do mundo, reduzia-se a duas coisas: a palavra e o número, e a dois fins que abarcam tudo, a eloquência e a sabedoria.*

> *Três vias levavam à eloquência: a arte de falar corretamente, de pensar com justeza e de dizer bem; ou, a palavra elaborada pela gramática, aguçada pela dialética, expressa e embelezada pela retórica: o verbo na sua pureza, na sua força e na sua beleza, tal era a eloquência.*[15]

> *Era preciso um caminho mais longo e mais árduo para chegar à sabedoria ou à ciência, coisas idênticas. Contudo, tudo se resumia no número; mas havia o número que se multiplica ou se decompõe em combinações infinitas, a aritmética, representada pela unidade; havia o número abstrato, absoluto, imutável na extensão ideal, ou a geometria, que tinha por emblema o binário; havia o número que se move através dos espaços criados e arrasta os corpos celestes e o mundo nas órbitas de um imenso turbilhão: a astronomia, cujo símbolo era uma esfera. Enfim, às sete cordas da lira faltava ainda uma. Quando, pois, todos esses acordes ressoavam juntos, a harmonia despertava na alma, a música aparecia, como esses concertos que Pitágoras ouvia na distância do mundo e nas profundezas da sua alma. Era o complemento do homem, a consumação da sabedoria. Assim se formava essa escala do desenvolvimento humano, cujos dois sinais eram a palavra e a sabedoria, e cujos sete degraus eram essas artes liberais que constituíam o homem elevado ao seu verdadeiro valor, o sábio eloquente: Vir bonus dicendi peritus.*[16]

> *Que são, em profundidade e harmonia, os modernos sistemas de instrução ao lado desse? Contudo, esse era apenas o molde uniforme por onde passavam todas as inteligências. Vinham depois os conhecimentos especiais a cada situação da vida: davam-se nas universidades.*

Enfim, não havia sequer a literatura pagã que, conforme o espírito dos Padres da Igreja e as regras de prudência ditadas por esses homens imortais, não fosse estudada, em idade conveniente, a fim de que os despojos do Egito servissem ao ornamento do santuário. Assim, de um lado, a adolescência, e jamais a infância, tocava nesse vaso de bordas douradas mas cuja taça contém veneno. De outro, a própria adolescência, que digo!, os próprios mestres só nele tocavam de passagem e com as maiores precauções.[17]

Se, em algum lugar, se vinha a desviar dessas regras, cuja extrema sabedoria os males que sofremos não permitem a ninguém pôr em dúvida, logo se faziam ouvir reclamações e gritos de alarme. O pontífice supremo, a grande sentinela de Israel, era avisado; tudo voltava à ordem, e a Europa continuava a haurir o belo na mesma fonte em que hauria o verdadeiro, o bom, o justo.[18]

Terminemos com alguns pormenores úteis de conhecer sobretudo hoje. Os homens de Igreja, os bons monges, geralmente votados à educação da juventude, desempenhavam-se dela com uma

dedicação que lhe assegurava o êxito e a que em nada se assemelha a conduta dos homens de ofício que exploram a instrução oficial.

Dedicação em instruir-se. A vida do eclesiástico, ou do religioso destinado ao ensino, era uma vida de estudos. Nenhum cuidado de família, nenhuma preocupação com as necessidades da existência, nenhuma inquietação com as agitações de fora lhe dividia o pensamento: orar e instruir-se para santificar e instruir os seus alunos, era nisso que consistia todo o homem. Os santos cânones, as regras dos mosteiros faziam-lhe disso um dever de consciência. Na falta de outras provas, só isso demonstraria a imensa superioridade do seu ensino.[19]

Dedicação em conservar a inocência dos seus alunos. Aqui ainda, que diferença entre a conduta dos religiosos de então e a dos professores de hoje! Em nossos dias, toda a educação é abandonada à influência dos inspetores de estudos. Outrora, os mestres não deixavam os seus meninos nem de dia nem de noite. Não sei se há algo mais tocante e mais instrutivo do que as seguintes prescrições dos concílios de Tours e de Toledo:

> *Os religiosos e os clérigos, dizem eles, a quem se confia a educação das crianças terão o cuidado de que os jovens de quinze anos e mais se alojem juntos e durmam numa sala comum, sem serem abandonados, nem por um instante, pelo seu diretor ou mestre. Durante a noite revezar-se-ão para fazer uma leitura, a fim de que as mesmas precauções que se tomam para conservar a pureza do corpo sirvam também para esclarecer as almas.*[20]

Dedicação em aliviar as suas necessidades. Hoje só se pode aproximar dos estabelecimentos de instrução a preço de dinheiro. Nos séculos bárbaros da Idade Média, a ciência nada custava. Dava-se, e esses monges tão ávidos davam ainda às crianças pobres tanto os livros quanto o alimento corporal, sem o qual não poderiam continuar os estudos.[21]

Ao sair das escolas estabelecidas nas casas paroquiais, nos mosteiros, nas catedrais, na própria morada dos bispos, a juventude dirigia-se às universidades. Nesses grandes centros de luzes de que a religião dotara tão magnificamente a velha Europa, o espírito da instrução era o mesmo que no lar doméstico e nas escolas elementares: homens e livros, tudo ali era cristão.

Só Aristóteles teve, permita-se-me a expressão, o direito de livre prática, e obteve o privilégio de grande popularidade. Mas, por um lado, esse filósofo não era posto nas mãos das crianças; por outro, não se o estudava nem pelo fundo das ideias, nem pela forma oratória do seu estilo; lia-se unicamente pelo seu método dialético. O interesse da religião inspirava os nossos Pais, e nenhum homem refletido terá dificuldade em reconhecer que foram bem inspirados.

Ao risco de vos escandalizar, direi que a dialética tem vários títulos à minha estima particular. O primeiro é o mal que dela disseram os hereges e os inovadores, e disseram muito. O segundo é o imenso serviço que prestou ao espírito humano e à verdade. O espírito humano lhe deve essa marcha firme e essa potência de dedução que o impede de perder-se no vago e que comunica às

nossas línguas modernas a mais preciosa das suas qualidades, a precisão: imensa vantagem que as línguas antigas jamais possuíram. De fato, forneceu armas seguras, tanto para repelir os ataques do erro como para desmascarar o próprio erro e enredá-lo nas suas próprias redes, reduzindo as suas divagações e o seu palavreado à forma nítida e inexorável de um silogismo.

Contudo, as obras de Aristóteles não deixaram de ter perigo; deram lugar a diferentes erros justamente condenados pelo bispo de Paris, Estêvão Tempier, em 1277:

> *Soubemos, diz ele, que alguns estudantes de artes (de filosofia), passando os limites da sua faculdade, ousam sustentar erros manifestos, ou antes, quimeras extravagantes. Encontram essas proposições nos livros dos pagãos, e elas lhes parecem tão demonstrativas que não sabem responder-lhes. Querendo atenuá-las, caem em outro escolho; pois dizem que são verdadeiras segundo o filósofo, isto é, segundo Aristóteles, mas não segundo a fé católica. Como se existissem duas verdades contraditórias![22]*

Resumamos brevemente o que precede.

Dessa rápida exposição resulta o fato que queríamos estabelecer, a saber: que durante o período da Idade Média os livros clássicos foram exclusivamente cristãos. Desde o começo da Igreja até o século XVI, a opinião invariável dos Padres e dos sábios foi que a literatura pagã não convinha nem ao espírito nem ao gênio da religião cristã; que era, portanto, necessário estudar a que nascia naturalmente do cristianismo, que era a sua expressão e respirava o seu espírito.

> *A nossa verdadeira latinidade, diz são Próspero, é, se não me engano, aquela que, retendo apenas a propriedade dos termos da antiga latinidade, exprime as coisas com brevidade e simplicidade; e não a que se compraz na beleza da forma.[23]*

A glória eterna de são Gregório Magno é ter fixado, por seus escritos, essa língua latina cristã, de que os Padres haviam lançado os fundamentos; língua tão admirável de lucidez, de riqueza, de simplicidade, de unção, de elegância, e tão diferente da língua latina pagã quanto o dia da noite, ou o próprio cristianismo do paganismo. O ilustre pontífice não se ficou nisso; unindo os seus esforços aos de santo Isidoro de Sevilha, nada negligenciou para que as crianças aprendessem as letras latinas unicamente nos autores cristãos, o que de fato ocorreu, como vimos.

Na falta das provas referidas acima, pode-se concluí-lo evidentemente desta simples observação: sem querer, conserva-se na idade madura o estilo, os pensamentos, a elocução dos autores de que fomos nutridos na infância; o vaso retém por muito tempo o odor do primeiro licor que recebeu: *quo semel est imbuta recens servabit odorem testa diu* — a talha nova guardará por muito tempo o odor de que uma vez se embebeu.

Daí que são Jerônimo e santo Agostinho, embora ambos tenham condenado energicamente os clássicos pagãos, deixem perceber em seu estilo algo do número e do torneio dos autores profanos com os quais a infância deles se familiarizara; ao contrário, de são Gregório a são Bernardino de Siena, santo Antonino de Florença e são Lourenço Justiniano, escritores do século XV, igualmente célebres pela eloquência e pela sábia gravidade das suas obras, nenhum autor cristão deixa perceber em seus escritos coisa alguma que cheire ao estilo, à elegância profana, ao corte dos escritores pagãos. É a prova mais evidente de que todos haviam aprendido desde a infância o latim, não nos autores profanos, mas nos autores cristãos. Daí vinha esse gosto, esse amor ardente pela Sagrada Escritura e pelos antigos Padres que conservavam toda a vida, e que se encontra não só nos eclesiásticos, mas ainda nos leigos e até nas mulheres. Quanto às obras pagãs, só lhes concediam uma atenção secundária, e só as liam na idade madura; e isso não para formar o estilo, mas unicamente, seguindo o exemplo dos primeiros cristãos, para nelas buscar o que pudesse servir para confirmar e embelezar a verdade cristã.

Tal foi a economia dos estudos desde o começo da Igreja até o fim do século XV.

Em consequência, a filosofia, a literatura, as ciências, animadas do mesmo espírito que a teologia, caminhavam juntas na mesma via da verdade cristã, cujo desenvolvimento perseguiam cada qual à sua maneira e por meios exclusivamente cristãos. De fato, vemos que todos os livros dessa época, e sobretudo os que os Trecentistas publicaram (exceto Boccaccio), têm por objeto histórias cristãs ou assuntos cristãos e nacionais: estes últimos também são cristãos; pois amar a pátria, procurar-lhe a glória, é um dever do cristianismo.

As artes nos apresentam o mesmo espetáculo. Que eu saiba, não existe nenhum pintor, nenhum escultor dessa época que tenha tratado um assunto mitológico, pagão, obsceno ou mesmo exclusivamente profano. O viajante atento que passa por Veneza pode ainda hoje adquirir pelos olhos a certeza do que afirmo. Essa cidade pode ser considerada o mais vasto museu da arte cristã. Percorrendo os seus inumeráveis monumentos dos séculos XIII, XIV e XV, nada se encontra que tenha relação com a mitologia nem que cheire a paganismo; nada de obsceno, nem de vergonhoso, nem de profano. Que digo! o bronze, o mármore, os magníficos quadros que lembram os grandes feitos dos venezianos contra os turcos bastam por si sós para provar que esses heroicos feitos de armas foram cumpridos por cristãos e pertencem a uma república cristã.

Assim, os moderadores e os guias dessa época tão indignamente caluniada sabiam, como os Padres da Igreja, que o único meio de ter gerações cristãs era vazá-las num molde cristão. Não é que esses homens, a quem não se receou chamar bárbaros, não pudessem fazer uso dos autores profanos para a instrução da juventude. Possuíam-nos, pois no-los conservaram. Liam-nos, pois os transcreveram milhares de vezes; ora, pois que os leram e transcreveram, é de supor que os compreendiam.

Melhor ainda, sabiam apreciá-los. Para conservá-los impunham-se sacrifícios diante dos quais, talvez, nós seríamos tentados a recuar. Assim, no século IX, um pobre monge, Lupo, abade de Ferrières, escreve a toda a Europa pedindo manuscritos, para fazê-los copiar e servir-se deles para corrigir os que possui: bem entendido, acrescenta, que todas as despesas ficam por minha conta. Conjura sucessivamente Eginhardo a enviar-lhe os manuscritos do *Orador* de Cícero e das *Noites*

áticas de Aulo Gélio; o bispo Heribodo, os *Comentários* de César. A Ansbaldo pede o manuscrito das *Cartas* de Cícero; a Mercuado, abade de Prüm, o manuscrito de Suetônio, para fazê-lo copiar; ao papa Bento II, os *Comentários* de são Jerônimo, as *Instituições* de Quintiliano, os *Comentários* de Donato sobre Terêncio, Salústio, os *Discursos contra Verres* e uma multidão de outros.[24]

No século X, o célebre Gerberto, primeiro humilde religioso de Aurillac, depois arcebispo de Ravena e enfim papa sob o nome de Silvestre II, não mostra menos empenho em conservar e multiplicar os manuscritos dos autores profanos. Bispos, religiosos, na França, na Itália, na Alemanha, na Bélgica, são postos a contribuição, e o generoso pontífice compra a peso de ouro essas obras que se poderiam ter dado, tão facilmente quanto os autores cristãos, como livros clássicos à juventude, e que jamais se lhe deram.[25] Nos séculos seguintes, vemos o mesmo zelo perpetuar-se por toda a Europa, seja em Lanfranco, arcebispo de Cantuária; seja em Desidério, abade de Monte Cassino, depois papa sob o nome de Vítor III, e em uma multidão de outros cuja lista encheria páginas inteiras.[26]

Já que na Idade Média a sociedade sábia conhecia, estudava, apreciava os autores pagãos, quem ousaria sustentar que não poderia tê-los proposto por modelos à juventude e imitá-los ela mesma? Que lhe faltava para isso? As obras desses autores? Possuía-as. O bom gosto necessário para admirá-los? Como! todos esses gênios de primeira ordem que, durante o período da Idade Média e além, empunharam tão alto e tão firme o cetro do saber e da eloquência, não poderiam, se o quisessem, imitar a língua dos pagãos, a poesia dos pagãos, a escultura dos pagãos, a arquitetura dos pagãos, tão bem e talvez muito melhor do que o fizeram os personagens de todo porte que há três séculos se arrogam o privilégio? Nem santo Agostinho, nem são Jerônimo, nem são João Crisóstomo, nem são Bernardo, nem Alberto Magno, nem Dante, nem Petrarca, nem são Boaventura, nem são Tomás, nem milhares de outros, poderiam copiar em sua língua a forma pagã, tampouco quanto os arquitetos das nossas imortais catedrais poderiam copiar em seus trabalhos as linhas retas e os plenos-cintos de Atenas e de Roma? Não; se não o fizeram, foi porque não o quiseram: e não o quiseram porque tinham bom gosto demais para cometer tal contrassenso, razão demais para ressuscitar uma forma gasta junto com o pensamento de que se revestira, superioridade demais para rebaixar-se, como depois se fez, ao papel de imitadores servis e desajeitados.

Não eram só os vultos da época que conheciam os autores profanos. Como nos primeiros séculos da Igreja, o estudo deles era permitido quando deixava de ser perigoso. Ora, esse estudo se fazia, e, o que talvez vos espante até certo ponto, era popular. Citarei apenas um exemplo que dispensa todos os outros. Lembrai-vos dos belos versos do cantor imortal da *Divina Comédia*, em que o venerável Cacciaguida, bisavô de Dante, conta que as damas do seu tempo conversavam sobre os acontecimentos da guerra de Troia, sobre as antiguidades de Fiésole e os altos feitos dos gregos e dos romanos, enquanto fiavam a roca ou embalavam os filhos.[27]

Aproximando as datas, achareis que isso se passava no século XI. Vedes, pois, que a Renascença não inventou, como lhe fazem a honra, os gregos e os romanos. Antes dela já eram conhecidos, antes dela gozavam, entre os nossos bons antepassados, de honrosa hospitalidade. Apenas a Idade Média tivera o bom senso e o bom gosto de pôr cada coisa em seu lugar: o cristianismo em primeiro plano, o paganismo em segundo; o cristianismo como base e corpo do edifício, o

paganismo como decoração acessória; o cristianismo como molde, o paganismo como cinzelura; o cristianismo como o essencial, o paganismo como forma secundária de que se podia perfeitamente prescindir sem prejudicar em nada nem a estabilidade, nem a beleza da ordem social, nem os progressos do espírito humano.

Notas

[1] *Il latino idioma era in gran parte vivente, e s'intendeva e parlava generalmente per tutta l'Europa, ed in esso scrivevansi le carte pubbliche, le leggi, e i libri privati, del qual commune latino linguaggio dei saggi fino ai dì nostri ne restano in Germania, in Ungheria, in Polonia.* [O idioma latino era em grande parte vivo, e era entendido e falado em geral por toda a Europa, e nele se escreviam os documentos públicos, as leis e os livros particulares; dessa comum língua latina dos sábios restam vestígios, até os nossos dias, na Alemanha, na Hungria, na Polônia.] Battini, t. I, cap. XIII, p. 466.

[2] Em Poitiers, ainda se assinavam os atos em grego no século IX. *Mém. de la Soc. des antiq. de l'Ouest*, 3º vol.

[3] Thomassin, *De la discipl.*, etc., *des écoles*, p. 240 e seguintes.

[4] *Sed et historias passionum una cum cæteris ecclesiasticis voluminibus summa industria congregans, amplissimam sibi et nobilissimam bibliothecam fecit.* [E, reunindo com sumo empenho as histórias das paixões juntamente com os demais volumes eclesiásticos, formou para si uma biblioteca amplíssima e nobilíssima.] Beda, liv. V, cap. XXI; dom Ruinart, *Act. martyr.*, *Præf.*, p. 2 e 3.

[5] *Vit. B. Livin.*, p. 238.

[6] *Âges de foi*, p. 225.

[7] *Qui tempore debito ad scolam cum reliquis pueris missus quempiam de psalmis memoriæ commendavit, et nesciens se clericum esse futurum, jam ad dominicum parabatur innocens ministerium.* [Que, no tempo devido, enviado à escola com os demais meninos, confiou à memória um salmo qualquer e, sem saber que seria clérigo, já se preparava inocente para o ministério do Senhor.] *Vit. Patr.*, cap. 20.

[8] *Summa nutritum diligentia litteris ecclesiasticis mandavit institui genitrix.* [Sua mãe mandou instruí-lo, criado com suma diligência, nas letras eclesiásticas.] *Id.*, cap. 8. — Por sua vez, são Nizier dava a mesma instrução a todas as crianças da casa em que morava: *Illud omnino studebat, ut omnes pueros qui in domo ejus nascebantur, ut primum vagitum infantiæ relinquentes, loqui cœpissent, statim litteras doceret, ac psalmis imbueret.* [Esforçava-se sobretudo por que todos os meninos que nasciam em sua casa, assim que, deixando o vagido da infância, começassem a falar, fossem logo ensinados nas letras e imbuídos dos salmos.] *Id.*, *ib.* — Só conhecemos uma exceção a esse método: é a educação de são Fulgêncio; explica-se pelas circunstâncias particulares que cercaram a sua infância e pelas intenções dos pais quanto ao futuro do filho. Thomassin, *supra*.

[9] *Discat primo Psalterium, his se canticis avocet; et in Proverbiis Salomonis erudiatur ad vitam. In Ecclesiaste consuescat, quæ mundi sunt calcare. In Job virtutis et patientiæ exempla sectetur. Ad Evangelia transeat, nunquam ea positura de manibus. Apostolorum Acta et Epistolas, tota cordis imbibat voluntate. Quumque pectoris sui cellarium his opibus locupletaverit, mandet memoriæ Prophetas, Heptateuchum, et Regum, et Paralipomenon libros, Ezræ quoque et Esther volumina. Ad ultimum sine periculo discat Canticum canticorum, ne si in exordio legerit, sub carnalibus verbis, spiritualium nuptiarum epithalamium non intelligens vulneretur. Caveat omnia apocrypha.* [Aprenda primeiro o Saltério e com esses cânticos se distraia; nos Provérbios de Salomão seja instruída para a vida; no Eclesiastes habitue-se a calcar aos pés as coisas do mundo; em Jó siga os exemplos de virtude e paciência. Passe aos Evangelhos, e jamais os largue das mãos. Embeba-se, de todo o coração, dos Atos e das Epístolas dos apóstolos. Quando houver enriquecido com esses tesouros a despensa do seu peito, confie à memória os Profetas, o Heptateuco, os livros dos Reis e dos Paralipômenos, e os volumes de Esdras e de Ester. Por fim, sem perigo, aprenda o Cântico dos Cânticos, para que, se o ler no início, não ferido por não compreender, sob palavras carnais, o epitalâmio das núpcias espirituais. Fuja de todos os apócrifos.] S. Jerônimo, *Ep. ad Læt.*, *opp.* t. IV, p. 596. — *Merito isti libri prohibiti sunt legere carnalibus, hoc est, Heptateuchum et Cantica canticorum: ne dum eos spiritualiter nesciunt, libidinis ac voluptatum incitamento solvantur.* [Com razão esses livros, isto é, o Heptateuco e o Cântico dos Cânticos, foram proibidos aos carnais, para que, não os entendendo espiritualmente, não se desfaçam em incitamento de lascívia e de prazeres.] S. Bento, *Regul.*, cap. VI, 7. — *Indubitanter, ascendamus ad divinam Scripturam per expositiones probabiles Patrum.* [Sem hesitar, subamos à Sagrada Escritura pelas exposições aprovadas dos Padres.] Cassiodoro, ap. Surius, 28 de nov.; Barônio, ano 562, n. 13.

[10] *Et quia litteris simul ecclesiasticis et sæcularibus abundanter ambo (Theodorus et Adrianus) erant instructi, congregata discipulorum caterva, scientiæ salutaris quotidie flumina in rigandis eorum cordibus emanabant; ita ut etiam metricæ artis, astronomiæ et arithmeticæ ecclesiasticæ disciplinam, inter sacrorum apicum volumina suis auditoribus contraderent.* [E como ambos (Teodoro e Adriano) eram abundantemente instruídos nas letras eclesiásticas e seculares, reunida uma multidão de discípulos, jorravam cada dia rios de ciência salutar a regar-lhes o coração; de modo que transmitiam aos seus ouvintes, entre os volumes dos sagrados escritos, também a disciplina da arte métrica, da astronomia e da aritmética eclesiástica.] Beda, liv. IV, cap. 1-2.

[11] *Indicio est, quod usque hodie supersunt de eorum discipulis, qui latinam græcamque linguam, æque ut propriam in qua nati sunt, norunt.* [É indício que ainda hoje restam discípulos deles que conhecem a língua latina e a grega tão bem como a própria em que nasceram.] *Id.*, *ib.*

[12] *Processit ei obviam immensa turba cum signis atque vexillis, canentes laudes, et hinc lingua syriaca, hinc Latinorum, hinc etiam ipsorum Judæorum in diversis laudibus varie concrepabat.* [Veio ao seu encontro imensa multidão com insígnias e estandartes, a cantar louvores, e de um lado em língua siríaca, de outro em latim, de outro ainda em hebraico, ressoava variamente em diversos louvores.] S. Greg. de Tours, *Hist.*, liv. VIII, cap. 1.

[13] *Videbantur passim cum eruditissimis clericis adhærere pontifici (S. Gregorio Magno) religiosissimi monachi... Tunc rerum sapientia Romæ sibi templum visibiliter quodammodo fabricarat, et septemplicibus artibus veluti columnis nobilissimorum totidem lapidum, apostolicæ*

Sedis atrium fulciebat. Nullus pontifici famulantium barbarum quodlibet in sermone vel habitu præferebat; sed togata quiritium more, vel trabeata latinitas suum latium in ipso Latiali palatio singulariter obtinebat. Refloruerunt ibi diversarum artium studia. [Viam-se por toda parte, junto ao pontífice (são Gregório Magno), religiosíssimos monges com eruditíssimos clérigos... Então a sabedoria das coisas fabricara em Roma, de certo modo visivelmente, um templo para si, e com as sete artes, como colunas de outras tantas nobilíssimas pedras, sustentava o átrio da Sé apostólica. Nenhum dos servidores do pontífice exibia nada de bárbaro na fala ou no traje; mas a latinidade, togada ou trabeada ao modo dos quirites, mantinha singularmente o seu Lácio no próprio palácio laterano. Reflоresceram ali os estudos das diversas artes.] João Diácono, *in Vit. S. Greg.*, liv. I, cap. 12-13.

[14] *De nuptiis Philologiæ et Mercurii*, etc., in-4º, ed. de Frankfurt, 1836, por cuidado do dr. Kopp.

[15] *Trivium quasi triplex via ad idem, id est ad eloquentiam. Quadrivium, quasi quatuor viæ ad idem, id est ad sapientiam.* [O Trivium, como tríplice via para o mesmo fim, isto é, a eloquência. O Quadrivium, como quatro vias para o mesmo fim, isto é, a sabedoria.] Balb., *in Cathol. acta S. Maxim.*, *Prolog.*

[16] D. Pitra, *Vie de S. Léger*, p. 63. Greg. de Tours, *Hist. franc.*, liv. IX, 19. Galland, *Biblioth. pp.*, t. XI, p. 161. — O mesmo plano de estudos acha-se, com novos desenvolvimentos, na *Instituição às letras divinas* de Cassiodoro. Esse ilustre senador romano, cônsul, prefeito do pretório, depois de cinquenta anos de trabalhos no governo do reino da Itália, abraçara a vida monástica aos setenta anos e ainda trabalhou perto de trinta anos para legar aos séculos futuros os tesouros da antiguidade literária. Em seu plano de estudos, ou antes, em seu programa de uma universidade católica, o que domina é a ciência de Deus e das coisas divinas. Todas as ciências humanas ali servem e conduzem a ela, e merecem por isso ser cultivadas. Antes de tudo vem a Escritura, com os principais comentários dos Padres da Igreja. Depois da Escritura e dos Padres, as atas dos quatro concílios gerais: de Niceia, de Constantinopla, de Éfeso e de Calcedônia. Cassiodoro aconselha aqui a leitura das diversas histórias que têm relação com a Religião, como as *Antiguidades judaicas*, de Josefo; a *História eclesiástica* de Eusébio, a de Sozomeno, de Teodoreto, de Orósio; os *Catálogos dos homens ilustres*, de são Jerônimo, mas sobretudo as *Vidas dos Padres* e as *Atas dos Mártires*. Podendo a Cosmografia e a Geografia ser muito úteis à Religião, Cassiodoro recomenda estudar os melhores Geógrafos. Aconselha também o estudo das letras profanas, contanto que nelas se entre com moderação e com a intenção de tirar delas auxílios para a inteligência dos livros santos. Para completar o seu plano, à *Instituição às letras divinas* Cassiodoro acrescenta o *Tratado das Sete artes liberais*, com o fim de aperfeiçoar o homem e elevá-lo até Deus. *Hist. universelle de l'Égl.* [História universal da Igreja], t. IX, 178-189.

[17] Eis o que diz são Gregório de Tours de santo Outrila, destinado a viver na corte do rei Gontrão: *Cum in pueritia sacris litteris fuisset institutus, in obsequio regis deputatur a patre.* [Tendo sido instruído nas letras sagradas desde a infância, é destinado pelo pai ao serviço do rei.] *Vit. Patr.*, liv. IV, cap. 16. E do filho de um senador: *De operibus Virgilii, legis Theodosianæ libris, arteque calculi adprime eruditus est.* [Foi excelentemente instruído nas obras de Virgílio, nos livros da lei teodosiana e na arte do cálculo.] *Id. — Gentilium libros vel hæreticorum volumina monachus legere caveat. Melius est enim eorum perniciosa dogmata penitus ignorare, quam per experientiam in*

aliquem laqueum erroris incurrere. [Guarde-se o monge de ler livros de gentios ou volumes de hereges. Melhor é, com efeito, ignorar por completo os seus perniciosos dogmas do que, pela experiência, cair em algum laço de erro.] S. Bento, *Reg.*, cap. IX. — *Omnes omnino pontifices a lectione librorum gentilium Gregorius inhibebat.* [Gregório proibia absolutamente a todos os pontífices a leitura dos livros dos gentios.] João Diác., *in Vit.*, liv. III, cap. 33.

[18] *Gravissimo dolore permotus*, escreve o ilustre Cassiodoro, *quod Scripturis divinis magistri publici deessent, dum majori laude humanæ litteræ edocerentur... nisus sum cum beato Agapito urbis Romæ ut sicut apud Alexandriam... et in Nisibi civitate... collatis expensis in urbe Romana professos doctores schola potius acciperet christiana, unde anima susciperet æternam salutem et casto atque purissimo eloquio fidelium lingua comeretur.* [Movido por gravíssima dor de que faltassem mestres públicos para as divinas Escrituras, enquanto se ensinavam as letras humanas com maior louvor... esforcei-me, com o bem-aventurado Agapito, da cidade de Roma, por que, como em Alexandria... e na cidade de Nísibis..., recolhidas as despesas, a cidade de Roma recebesse doutores que professassem uma escola antes cristã, de que a alma recebesse a salvação eterna e a língua dos fiéis se ornasse de um eloquência casta e puríssima.] — Não proíbe inteiramente as letras profanas, mas quer que ocupem apenas um lugar secundário e que se continue, como até então, a nutrir a infância da Escritura e dos Padres: *Per quos et Scripturarum divinarum series, et sæcularium litterarum compendiosa notitia panderetur.* [Por meio dos quais se desdobrasse tanto a série das divinas Escrituras como um compêndio das letras seculares.] Surius, 28 de nov. — Veremos adiante toda a carta de são Gregório ao bispo Desidério, em que lhe proíbe fazer das obras pagãs os clássicos da juventude. Eis um trecho: *Pervenit ad nos fraternitatem tuam, grammaticam quibusdam exponere. Quam rem ita moleste suscepimus, ac sumus vehementius aspernati, ut ea quæ prius dicta fuerunt, in gemitum et tristitiam verteremus: quia in uno se ore cum Jovis laudibus Christi laudes non capiunt. Et quam grave nefandumque sit episcopis canere, quod nec laico religioso conveniat, ipse considera.* [Chegou-nos que a tua fraternidade expõe a gramática a alguns. Recebemos isso com tamanho desgosto e o repudiamos tão veementemente que o que antes se dissera converteu-se em gemido e tristeza: porque numa mesma boca não cabem os louvores de Cristo com os louvores de Júpiter. E considera tu mesmo quão grave e nefando é que bispos cantem o que nem a um leigo religioso convém.] Liv. IX, ep. 49.

[19] *Nulli liceat episcoporum diaconum aut presbyterum ordinare litteras ignorantem; sed si qui ordinati fuerint cogantur discere.* [Não seja lícito a nenhum bispo ordenar diácono ou presbítero que ignore as letras; mas os que forem ordenados sejam obrigados a aprender.] Conc. de Narbona, ano 589, can. 11. — *Ad sacra mysteria tractanda solus is accedat, quem morum innocentia et litterarum splendor reddunt illustrem.* [Aproxime-se de tratar os sagrados mistérios somente aquele a quem a inocência dos costumes e o esplendor das letras tornam ilustre.] Conc. de Toledo VIII, can. 8. — *Lectio tibi sit assidua, jugisque oratio. Dividantur tibi tempora et officia ut postquam legeris ores; postquam oraveris, legas.* [Seja assídua a tua leitura e contínua a oração. Dividam-se-te os tempos e os ofícios de modo que, depois de leres, ores; depois de orares, leias.] S. Isidoro de Sevilha, *Regul.*, cap. VI-VII. — *Ante omnia sane deputentur unus aut duo seniores, qui circumeant monasterium horis quibus vacant fratres lectioni; et videant ne forte inveniatur frater acediosus, qui vacat otio, aut fabulis, et non est intentus lectioni.* [Antes de tudo, sejam designados um ou dois anciãos que percorram o mosteiro nas horas em que os irmãos se dedicam à leitura, e vejam se acaso se acha algum irmão acidioso, que se entrega ao ócio ou a conversas e não está atento à

leitura.] S. Bento, *Reg.*, cap. 48.

[20] *Ab hoc constituendum oportuit, ut si qui puberes aut adolescentes existunt, omnes in uno conclavi atrii commorentur, ut lubricæ ætatis annos non in luxuria, sed in disciplinis ecclesiasticis agant, deputati probatissimo seniori, quem et magistrum disciplinæ et testem vitæ habeant.* [Cumpria estabelecer que, se houver púberes ou adolescentes, todos permaneçam num mesmo aposento do átrio, para que os anos da idade escorregadia passem não na luxúria, mas nas disciplinas eclesiásticas, confiados a um ancião aprovadíssimo, que tenham por mestre da disciplina e testemunha da vida.] Conc. de Toledo II, can. 13. — *Sed schola labore communi construatur, ubi omnes jaceant, aut abbate aut præposito gubernante, ut dum duo, vel tres vicissim legant et excubent, alii consolentur; ut non solum sit custodia corporum, sed et surgat pro lectione assidua profectus animarum.* [Mas construa-se a escola com trabalho comum, onde todos durmam, sob o governo do abade ou do prepósito, de modo que, enquanto dois ou três leem e velam alternadamente, os outros repousam; para que haja não só a guarda dos corpos, mas também, pela leitura assídua, o progresso das almas.] Conc. de Tours II, can. 14.

[21] *Multi nobilium, simul et mediocrium de gente Anglorum, vel divinæ lectionis, vel continentioris vitæ gratia illo secesserant. Et quidam mox se monasticæ conversationi manciparunt: alii magis circumeundo per cellas magistrorum, lectioni operam dare gaudebant. Quos omnes Scotti libentissime suscipientes, victum eis quotidianum sine pretio, libros quoque ad legendum, et magisterium gratuitum præbere curabant.* [Muitos nobres e também de condição média, da gente dos anglos, haviam-se retirado para lá, pela leitura divina ou por uma vida mais continente. E alguns logo se entregaram à vida monástica; outros preferiam, percorrendo as celas dos mestres, dedicar-se à leitura. Os escoceses, acolhendo-os a todos com muito gosto, cuidavam de fornecer-lhes o sustento diário sem preço, livros para ler e magistério gratuito.] Beda, liv. III, cap. 27.

[22] *Præsertim cum errores prædictos gentilium scripturis inveniunt, quos, proh dolor! ad suam imperitiam asserunt. Sic cogentes ut eis nesciant respondere... dicunt enim ea esse nota et vera secundum philosophum, sed non secundum fidem catholicam, quasi sint duæ veritates contrariæ, et quasi contra veritatem sacræ Scripturæ sit veritas in dictis gentilium.* [Sobretudo quando encontram nas escrituras dos gentios os erros mencionados, que, ó dor!, atribuem à sua imperícia, de tal modo que não sabem responder-lhes... dizem, com efeito, que isso é conhecido e verdadeiro segundo o filósofo, mas não segundo a fé católica, como se houvesse duas verdades contrárias, e como se a verdade nos ditos dos gentios pudesse ir contra a verdade da Sagrada Escritura.] *Biblioth. Patr.*, ano 1277.

[23] *Est ea, ni fallor, judicata latinitas quæ breviter et aperte, observata dumtaxat verborum proprietate, res intelligendas enuntiat; non quæ vernantis eloquii venustate luxuriat.* [É considerada latinidade, se não me engano, a que enuncia as coisas a entender com brevidade e clareza, observada apenas a propriedade das palavras; e não a que se espraia na graça de uma eloquência viçosa.]

[24] Carta, Paris, 1588. *Petimus etiam Tullium de Oratore, et duodecim libros Institutionum oratoriarum Quintiliani qui uno nec ingenti volumine continentur; quorum utriusque auctorum partes habemus, verum plenitudinem per vos desideramus obtinere. Pari intentione Donati*

Commentum in Terentium flagitamus; quæ auctorum opera si vestra liberalitas nobis largita fuerit, Deo annuente cum commemorato S. Hieronymi Codice fideliter omnino restituenda curabimus... Catilinarium et Jugurthinum Sallustii, librosque Verrinarum, et si aliquos alios vel corruptos nos habere vel penitus non habere cognoscitis, nobis afferre dignemini, ut vestro beneficio et vitiosi corrigantur, vel non habiti... acquirantur. [Pedimos também o *Orador* de Túlio e os doze livros das *Instituições oratórias* de Quintiliano, que se contêm num só volume nem grande; de ambos os autores possuímos partes, mas desejamos obter por vosso intermédio a obra completa. Com igual empenho pedimos o Comentário de Donato a Terêncio; se a vossa liberalidade nos conceder essas obras, cuidaremos, com a anuência de Deus, de restituí-las fielmente junto com o mencionado Códice de são Jerônimo... o *Catilina* e o *Jugurta* de Salústio e os livros das *Verrinas*, e quaisquer outros que saibais que temos corrompidos ou não temos de todo, dignai-vos trazer-nos, para que, por vosso benefício, os viciados sejam corrigidos e os que não possuímos... adquiridos.] Ep. 104 e 105.

[25] *Cui rei præparandæ bibliothecam assidue comparo, et sicut Romæ dudum ac in aliis Italiæ partibus, in Germania quoque ac Belgica scriptores auctorumque exemplaria multitudine nummorum redemi.* [Para preparar essa empresa, formo assiduamente uma biblioteca, e, como outrora em Roma e em outras partes da Itália, também na Germânia e na Bélgica resgatei copistas e exemplares dos autores com grande quantidade de moedas.] Ep. 44, *Ad Ecbert.*, abb. Turon. *Nosti quanto studio librorum exemplaria undique conquiram, nosti quot scriptores in urbibus aut in agris Italiæ passim habeantur.* [Sabes com quanto empenho procuro por toda parte exemplares de livros; sabes quantos copistas há pelas cidades e campos da Itália.] *Id. ad Reginald. monach.* Ep. 130.

[26] Battini, t. I, cap. 9, p. 88 e seguintes.

[27] *L'una vegghiava a studio della culla, / E consolando usava l'idioma / Che pria li padri e le madri trastulla. / L'altra traendo alla rocca la chioma / Favoleggiava con la sua famiglia / De' Trojani, di Fiesole, e di Roma.* [Uma velava, atenta ao berço, e, consolando, usava o idioma que primeiro deleita pais e mães. A outra, tirando da roca a madeixa, contava à sua família dos troianos, de Fiésole e de Roma.] *Paradiso*, canto XV.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:16 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:16 by Admin